



PREFEITURA DE

**CAMPOS**

SECRETARIA MUNICIPAL  
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA  
E TECNOLOGIA

 **Mais  
Ciência**

# **Memórias Pretas: produção e construção de memórias/epistemes na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ**

**Orientador(a): Pedro Renan Santos de Oliveira**

Bolsista: Widlane de Oliveira Lourenço

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

2024



## SUMÁRIO

RESUMO .....	3
INTRODUÇÃO .....	4
Privilégio epistêmico, epistemicídio e produção de conhecimento .....	7
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	10
RESULTADOS .....	11
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	15
REFERÊNCIAS .....	17

## RESUMO

O presente projeto foca na construção e produção de memórias e epistemologias na cidade de Campos dos Goytacazes, RJ, destacando a contribuição de pessoas negras na produção de conhecimento. Teve como objetivo resgatar as narrativas históricas de pessoas negras no município de Campos dos Goytacazes, mapeando suas produções e compartilhando suas histórias de vida. A pesquisa se justifica pela necessidade de questionar a hegemonia do conhecimento eurocêntrico e destacar as epistemologias negras, contribuindo para a visibilidade e valorização dessas narrativas na academia e na sociedade campista. Como metodologia, foram utilizados levantamento bibliográfico, mapeamento de produções acadêmicas e entrevistas com pessoas negras produtoras de conhecimento da/na cidade. A metodologia inclui a escuta e o compartilhamento de histórias de vida, denominadas aqui de epistemiografias. Foi possível, com isso, identificar e documentar algumas contribuições de pessoas negras nas universidades de Campos dos Goytacazes, destacando suas lutas e resistências contra as estruturas racistas e coloniais. A pesquisa visou fortalecer as bases para uma nova concepção de produção de conhecimento, que reconheça e valorize as epistemologias negras, promovendo uma ciência mais inclusiva e representativa.

## INTRODUÇÃO

O Ensino Superior no Brasil, ainda hoje, parte de uma perspectiva moderna da produção de conhecimento, onde estruturas positivistas apagam saberes não advindos de uma perspectiva branca e eurocêntrica. Concordamos com Sueli Carneiro (2023) quando esta, ao analisar o processo histórico-cultural de constituição da sociedade brasileira, indica a existência de um dispositivo de racialidade que reforça a hegemonia da cultura da supremacia branca e elenca a racialidade como um domínio capaz de controlar subjetividades, produzir e sustentar relações de saber-poder hierarquizadas. Essa visão perversa categoriza os seres humanos e produz, ainda, a dicotomia dos lugares de pesquisador-objeto, sendo o primeiro sempre o detentor do saber pleno e das capacidades de apreensão do mundo, e o segundo o elemento primitivo, selvagem, a ser compreendido, categorizado e normatizado. O dispositivo de racialidade opera, então, em uma negação do ser, uma desqualificação do saber e uma destituição de poder do sujeito negro subalternizado.

O Brasil é uma nação que se ergueu sobre relações marcadas pelo racismo, pela desigualdade social e pela exploração brutal e prolongada de povos originários e escravizados ao longo de quase quatro séculos. A negação da capacidade do sujeito negro de ser e de produzir conhecimento é um ato de invisibilização e, em última instância, de aniquilamento da sua existência. É imperativo expor as realidades intencionalmente sombreadas, e isso significa questionar a suposta neutralidade da ciência, ressaltando que toda investigação científica é influenciada pelo contexto em que é realizada e pelas subjetividades das pessoas envolvidas. Frantz Fanon (2008) nos lembra que a colonização não se resume à subordinação material de um povo, mas também dita os meios pelos quais as pessoas se expressam e se compreendem. Esses padrões são, inclusive, refletidos nos métodos pelos quais a ciência é concebida e praticada, evidenciando o papel do colonialismo epistemológico. Assim, toda investigação é influenciada pelo contexto em que é realizada e pelas subjetividades das pessoas envolvidas.

Consoante a isso, Paula Gonzaga (2018) afirma:

Ainda hoje, apesar de pensadores como Rita Segato, Stuart Hall e Boaventura Souza Santos já apontarem para a urgência da construção e visibilidade de novas epistemologias, a produção de conhecimento relacionado às realidades sociais e locais ainda são marginalizadas. A produção de saber e mesmo as agendas temáticas das instituições de pesquisas, com raras

exceções, passam longe de temas como as relações raciais (Gonzaga, 2018, n.p.).

A cidade de Campos dos Goytacazes/RJ não diferente do resto do país, sendo marcada por uma construção histórica, econômica e social que por muito tempo foi baseada na exploração da cana de açúcar com mão de obra escrava, tanto de pessoas negras quanto de povos indígenas. Isso devido às tentativas de se tornar uma capital política durante o séc. XIX, fato que fomentou a criação de grandes elites campistas com fazendeiros, senhores e políticos em uma cultura fortemente permeada pela relação colonial e coronelista (Chrysostomo, 2011). No ano de 1962, com a chegada da Universidade Federal Fluminense (UFF) na região Noroeste Fluminense, foi criado o curso de Serviço Social, na cidade de Campos dos Goytacazes, inicialmente como setor regional da Escola de Serviço Social de Niterói. Teve sua sede própria adquirida apenas em 1975, consolidando a presença da UFF na região e o seu compromisso com a interiorização. O reconhecimento da comunidade e a parceria que o Departamento de Serviço Social de Campos realizou com outras instituições locais e regionais consolidaram o projeto de interiorização da UFF com a criação do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional em 1999, atendendo assim a novas demandas na área do Ensino, Pesquisa e Extensão. Com a criação do REUNI em 2007 (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) propõe-se um desenvolvimento ainda maior do ensino superior na cidade, não apenas para as universidades federais, mas fazendo valer as articulações entre demais institutos de ensino superior públicas e privadas, como a Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e a Universidade Cândido Mendes.

Contudo, por mais de três décadas o Departamento de Serviço Social de Campos foi a única Instituição de ensino superior na região e, levando em consideração a grande desigualdade social deixada como herança histórica e colonial do período escravista, nota-se que apesar de toda violência e genocídio posto nesse território a população colocada à subalternidade sempre fez resistência a suas culturas e origens. Não se deu ao acaso tamanha desenvoltura e crescimento do curso que se dispõe a atuar em prol dos direitos humanos na cidade (UFF, 2015).

Diante disso, apostamos, nesta pesquisa, no resgate histórico das narrativas de pessoas negras que se dedicaram e se dedicam à produção de conhecimento no município de Campos a partir não só de um levantamento e mapeamento dessas

produções, mas também da escuta e compartilhamento de suas histórias de vida. Para essa junção damos o nome de epistemo-biografias. Pensar as epistemo-biografias é entender a história de vida das pessoas autoras negras como indissociável da produção de conhecimento. É fazer ver que os corpos negros não produzem conhecimento e saberes em um cenário sem atravessadores estruturais como o próprio racismo estrutural e/ou institucional, questões de gênero e sexualidade ou operadores de classe ou território, por exemplo.

Se o conhecimento é produção histórica e responsiva a problemas de distintas naturezas (práticas, operacionais, teóricas), as biografias são registros dos atravessadores que fazem a vida ter sido possível ou colocada em tantas barreiras quanto às resistências foram necessárias. Moura (1994) já afirmava a importância em resgatar a historicidade dessas potências para a construção de novos modos de vida:

Num país que, como o nosso, teve quatro quintos de sua história vividos sob o sistema escravista, a compreensão em profundidade de sua trajetória implica, necessariamente, esmiuçar os segredos do escravismo, resgatar as lutas escravas contra esse sistema opressivo, rastrear nesse passado conflituoso as raízes dos dramas que o povo e a nação brasileira vivem em nosso tempo. Afinal, as marcas desse passado escravista e colonial estão ainda vivas nas instituições políticas brasileiras; na forma de organização da produção material; na maneira como nós brasileiros, nos relacionamos entre nós e com o mundo (Moura, 1994, p. 62.)

Haja vista estas relações de poder que são sustentadas na produção de conhecimento, nos questionamos: Como o marcador racial atravessa a produção de conhecimento na cidade de Campos de Goytacazes? As instituições de Ensino Superior do município têm investido em práticas que publicizem o conhecimento produzido por pessoas negras? Como têm se agenciado os regimes de visibilidade destes conhecimentos produzidos (nas universidades) por pessoas negras na cidade de Campos?

Assentado nesses questionamentos, o presente pesquisa tomou como bússola a experiência de um sujeito historicamente desvalorizado e subalternizado em todas as esferas da sociedade e buscou romper com as teias de invisibilização construída ao redor desses saberes a partir do mapeamento das produções acadêmicas e das histórias de pessoas negras nas instituições de ensino superior na cidade de Campos dos Goytacazes. Acreditamos que “poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa” (Adichie, 2019, p. 23), e, com isso,

questionamos também o papel das produções das instituições de ensino superior como uma ferramenta de validação de saberes.

Para tal, elencamos os seguintes objetivos específicos: Mapear a produção de conhecimento das áreas estratégicas da pesquisa (saúde, educação e história) em plataformas científicas oficiais e outros meios de divulgação de conhecimento; Conhecer as histórias de vidas das/dos autores correlacionando bibliografia e biografias atravessadas pelos marcadores sociais de raça, gênero e território; e Construir ferramentas que favoreçam o acesso da produção de conhecimentos das pessoas negras e a multiplicidade dessas histórias de vida. Os objetivos seguiram inalterados e guiaram a nossa execução até o fim do processo de pesquisa.

### **Privilégio epistêmico, epistemicídio e produção de conhecimento**

Ramón Grosfoguel (2012) utiliza o termo universidade ocidentalizada para indicar como este espaço é marcado por uma estrutura de pensamento eurocentrada, que se impõe de forma não democrática a partir de mecanismos institucionais, universitários, militares, estatais etc., gerando um monopólio de conhecimento e, como consequência, a sustentação de estruturas racistas e sexistas, que desqualificam outros conhecimentos críticos. Para iniciar, então, uma discussão sobre as estruturas do conhecimento nas universidades ocidentalizadas, é pertinente começarmos a partir de uma consideração da filosofia cartesiana, porque “as universidades ocidentalizadas seguem carregando o legado cartesiano como critério para validar a produção da ciência e do conhecimento” (Grosfoguel, 2016, p. 30).

Descartes (1991) acreditava que o “Eu” poderia produzir um conhecimento verdadeiro, sem estar condicionado a nenhuma particularidade. Ou seja, um “eu” cartesiano estaria baseado na ideia de que, para alcançar a verdade, seria necessário um exercício de pensamento que deveria duvidar metodicamente de tudo aquilo apreendido pelos sentidos. Para isso, haveria uma diferenciação substancial entre corpo e mente; experiência e sujeito do conhecimento; e, somente através do exercício da razão, do pensamento, seria possível chegar a um conhecimento verdadeiro. Para Descartes, “conhecimento verdadeiro” seria aquele que de forma alguma foi manipulado por percepções, sensações ou qualquer outra forma possível de ilusão. Isso pressupõe uma produção de conhecimento centrada em um ato inato de pensar e de conceber o mundo. O “eu” seria o senhor da realidade.

Se pessoas negras são, desde a escravização, vistas como corpos produtivos e

exploráveis, tendo sua capacidade mental e intelectual a todo tempo questionada, estudada, manipulada, quando poderíamos enxergar uma pessoa negra enquanto produtora de qualquer conhecimento? Importante localizar, e o faço junto de Grada Kilomba (2016, p. 04), que o conceito de conhecimento que aqui trago não se trata de um estudo transcendente e apolítico da Verdade, mas sim a “reprodução de relações de poder raciais e de gênero, que definem não somente o que conta como verdadeiro, bem como em quem acreditar”. Ou seja, tem-se aqui um projeto para que “algo passível de se tornar conhecimento torne-se, então, toda epistemologia que reflete os interesses políticos específicos de uma sociedade branca colonial e patriarcal”.

Ao rebater as concepções cartesianas a respeito do “eu” produtor de conhecimento, Grosfoguel (2016) aponta que,

Se os sujeitos humanos produzissem um conhecimento dialógico, ou seja, em relações sociais com outros seres humanos, a principal implicação disso seria o desmoronamento da pretensão de um “eu” capaz de produzir certeza em um conhecimento isolado. (...) Sem o solipsismo epistêmico, o “eu” estaria situado nas relações sociais particulares, em contextos históricos e sociais concretos e, então, não haveria uma produção de conhecimento monológica, deslocada de lugar e antissocial (p. 29).

Essas estruturas teriam sido resultado dos quatro genocídios/epistemicídios do século XVI, que foram ao mesmo tempo formas de epistemicídios e genocídios que são parte constitutivas do privilégio epistêmico dos homens brancos ocidentais, que ele aponta terem sido o genocídio/epistemicídio contra muçulmanos e judeus; contra os povos indígenas na América e aborígenes na Ásia; contra africanos em seu próprio território e no continente americano e contra as mulheres acusadas de bruxaria.

O processo de conquista do Al-Andalus, atual Península Ibérica<sup>6</sup>, foi realizada através de uma limpeza étnica a partir dos processos de expulsão forçada de pessoas mulçumanas e judias do seu território e a destruição massiva de seus conhecimentos e espiritualidade, a partir da conversão forçada ao cristianismo. Esses métodos de conquista e colonização foram transplantados para as Américas, marcando a dominação dos povos indígenas e africanos por forças militares e evangelizadoras (Grosfoguel, 2016).

Grosfoguel (2016) conclui que

O que conecta o ‘conquisto, logo existo’ (Ego conquiro) com o idolátrico ‘penso, logo existo’ (Ego cogito) é o racismo/sexismo epistêmico produzido

pelo 'extermínio, logo existo' (Ego extermínio). É a lógica conjunta do genocídio/epistemicídio que serve de mediação entre o 'conquistado' e o racismo sexismo epistêmico do 'penso' como novo fundamento do conhecimento do mundo moderno e colonial (p. 31).

Isso significa dizer, basicamente, que as bases da produção de conhecimento nas nossas universidades têm como fonte de poder epistemológica e metodológica a dominação física, intelectual, territorial e espiritual de povos racializados e dissidentes. É este privilégio epistêmico do homem branco europeu e suas produções que têm privilegiado projetos imperiais, coloniais e patriarcais e o que coloca outros corpos e mentes políticos à margem na universidade e outros espaços de produção de conhecimento (Grosfoguel, 2016).

Considerando dimensões epistemológicas e metodológicas, e, portanto, políticas da produção de conhecimento científico, Donna Haraway (1995) demonstra como este campo é marcado profundamente por um jogo de poderes. Ou seja, "o que tradicionalmente tem vigência como saber é policiado por filósofos que codificam as leis canônicas do conhecimento" (Haraway, 1995, p. 8).

Assim, o projeto de uma objetividade científica seria marcado por esses jogos de poderes. No campo acadêmico tradicional, a prática científica está necessariamente atrelada a uma metodologia que visa a distanciação entre aquele que observa e aquilo que é observado, entre sujeito e objeto, em um projeto de homogeneização e repetição, ou seja, uma representação de mundo em termos globais. Há, nessa tentativa, a defesa de que, através de certas práticas epistemológicas e metodológicas seria possível conceber o mundo como ele realmente é e isso se daria sem, ou com o mínimo possível, de marcas daquele que produz tal representação.

Considerando este contexto, haveria, então, um "eles" e um "nós" imaginado. "Eles", que detém recursos, laboratórios e permissão para construir a Ciência; e um "nós" corporificado, que não pode enunciar senão do lugar de corpo, apenas uma experiência desqualificada, ou quando não, qualificada apenas para servir a certos interesses de objetividade (Haraway, 1995).

Segundo Kilomba (2019, p. 51), "historicamente, este é um espaço onde temos estado sem voz" – ou somos convidadas/os a falar apenas do lugar de sujeito oprimido e sofrendor, enquanto aplaudem nossas lágrimas –,

E onde acadêmicas/os brancas/os têm desenvolvido discursos teóricos que formalmente nos constituíram como a/o Outra/o inferior, colocando africanas/os em subordinação absoluta ao sujeito branco. Nesse espaço

temos sido descritas/os, classificadas/os, desumanizadas/os, primitivizadas/os, brutalizadas/os mortas/os (Kilomba, 2019, p. 51).

Patricia Hill Collins vai ainda mais longe e questiona se a universidade como a temos hoje não constituiria uma espécie de *plantation*<sup>7</sup> moderna (Bueno, 2024).

Silvia Cusicanqui (2021), ao se interrogar sobre práticas e discursos descolonizadores, ressalta a importância de se considerar o papel de intelectuais na dominação imperial. Concordamos com ela quando diz que “temos a responsabilidade coletiva de não contribuir com a renovação dessa dominação” (p. 102) e que, “ao participar de fóruns e nos prestar a troca de ideias, poderíamos, sem querer, oferecer armas aos inimigos. E esse inimigo possui múltiplas facetas, tanto locais quanto globais, situadas nos recantos do ‘poder pequenino’ de nossas universidades e bibliotecas paupérrimas, assim como nas cúpulas do prestígio e privilégio, nesses ‘palácios’ que, segundo Spivak, são as universidades do norte, de onde saem as ideias dominantes...” (p. 103).

Porém, considerar-nos atores de um processo de descolonização dessas práticas acadêmicas dentro das paredes e cercos da universidade só é efetivo quando nos atentamos ao fato de que “não pode haver um discurso da descolonização, uma teoria da descolonização, sem uma prática descolonizadora” (Cusicanqui, 2021, p. 101). Estar atentas a essa construção dos saberes e dos paradigmas de construção dessas verdades é essencial para que possamos legitimar outros modos de fazer Ciências.

## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A presente pesquisa foi planejada a partir de fundamentos teóricos e metodológicos de natureza qualitativa, valendo-se de uma triangulação metodológica, com o uso de três ferramentas e procedimentos: mapeamento e levantamento bibliográfico das produções acadêmicas de pessoas negras em Instituições de Ensino Superior no município de Campos dos Goytacazes; revisão narrativa do material encontrado (Castro; Mayorga, 2019); encontros de entrevistas semi-estruturadas e construção das narrativas epistemo-biográficas das pessoas pesquisadoras selecionadas. Ao propor estes métodos, tínhamos por objetivo nos organizar em torno do objeto de investigação considerando os sujeitos envolvidos, as forças que atuam no campo e a necessidade de romper com as redes de invisibilização.

O levantamento bibliográfico foi realizado nas plataformas Scielo e Capes, onde

buscamos por trabalhos dos últimos 10 anos, que mencionavam “Campos dos Goytacazes” no título ou em alguma parte do texto. Em seguida, analisamos os trabalhos encontrados e excluímos aqueles que não se encontravam nas áreas temáticas de interesse – Saúde, Educação e História. Após a seleção dos textos de interesse, foi realizada leitura dos resumos, palavras-chave e conclusão, e separados os artigos que tratavam de temáticas étnico-raciais.

Concomitantemente, foi realizado um mapeamento inicial de pessoas negras produtoras de conhecimento – que atuavam nas universidades de Campos. Começando a partir das nossas redes afetivas, até as pessoas encontradas no processo de levantamento bibliográfico, ou seja, partindo do mais próximo para o mais longe, construímos uma lista de pessoas, coletivos e instituições chaves. E, em cada encontro de entrevista efetivado, solicitávamos que a pessoa em questão sugerisse outros nomes que fossem interessantes para a pesquisa.

As entrevistas foram gravadas, transcritas e decidiu-se por trabalhar com esse material a partir de uma perspectiva de coautoria. Ou seja, manteremos os nomes reais das pessoas entrevistadas, que figurarão como uma das autoras das narrativas construídas a partir de suas entrevistas. Acreditamos que esse gesto está em consonância com nossos pressupostos teóricos e éticos.

Além disso, como uma das atividades de campo da pesquisa, organizamos um evento, em parceria com as pessoas entrevistadas – em sua maioria –, tematizando as discussões que se anunciaram enquanto transversal na experiência e no discurso dessas pessoas.

## RESULTADOS

Tendo trabalhado, concomitantemente, em duas frentes: a realização do levantamento bibliográfico nas plataformas *Scielo* e *Capes*; e levantamento das instituições de ensino superior da cidade de Campos dos Goytacazes, essas duas atividades iniciais foram consideradas concluídas nos primeiros seis (6) meses da pesquisa. Quanto as instituições de ensino, foi encontrado um total de quatro (4) universidades públicas (UFF, IFF Centro e Guarus, UENF, FAETEC) e sete (7) universidades privadas (UNIVERSO, Estácio, UNIFLU, UCAM, REDENTOR, FMC, ISECENSA).

Quanto ao levantamento bibliográfico, encontramos, na plataforma Scielo, um total de 19 artigos de produções bibliográficas-acadêmicas de pesquisadores(as) vinculados(as) a IES de Campos/RJ. Após leitura dos resumos, palavras-chave e biografias das pessoas autoras, foram selecionados 7 artigos que se relacionavam com as áreas delimitadas nesta pesquisa, a saber, Educação, Saúde e História. Os artigos excluídos foram aqueles ligados ao campo de saberes da Biologia, Geografia e Agronomia, majoritariamente, por fugirem do escopo do levantamento. Após notarmos certas inconsistências nos resultados das buscas, refizemos o processo algumas vezes e na base de dados (*Scielo*) obtivemos os mesmos resultados.

Na base de dados Capes foram encontrados 239 resultados. Porém, notamos que o resultado obtido na busca na plataforma Capes continha publicações que se repetiam diversas vezes. Ou seja, esse número inicial (239 artigos) não dizia respeito ao número real. Assim, após a leitura do resumo, palavras-chave e biografia das pessoas autoras, foram selecionados 32 artigos na referida base. O critério de exclusão dos artigos foi o mesmo aplicado na base Scielo. Sendo assim, a busca nas bases de dados Scielo e Capes nos indicou 39 artigos das áreas da Educação, Saúde e História, que se relacionam a Campos dos Goytacazes.

Dentre as instituições de ensino superior identificadas no levantamento inicial, apenas a UENF e o IFF possuem repositórios institucionais abertos ao público. O ISECENSA possui uma biblioteca interna, com acesso restrito para pessoas de fora da instituição. Da UNIVERSO encontramos um catálogo virtual da biblioteca física da universidade, com produções didáticas dos cursos, mas nenhuma produção docente ou discente foi encontrada. Não foi encontrado repositório institucional da UNIFLU, sendo encontrado apenas algumas revistas que são abertas para publicações de fora da instituição. Também não foi encontrado repositório ou similar da Estácio, do ISEPAM/FAETEC e da UFF Campos (única IES pública nesta situação de não existência de repositório).

Depois da coleta desses materiais, foi realizada a catalogação e organização das informações. Em seguida, buscamos o currículo *lattes* das pessoas autoras e adicionamos na lista de pessoas-chave aquelas que puderam ser heteroidentificadas como negras. Com todos os artigos reunidos, os categorizamos como de alta, média ou baixa relevância. Entendemos como de alta relevância textos escritos por pessoas negras, de média relevância textos escritos por pessoas brancas que fossem atravessados pela temática étnico-racial, e de baixa relevância aqueles que foram escritos por pessoas brancas. A escolha deste critério parte dos objetivos da pesquisa,

que busca conhecer e favorecer a produção acadêmica negra na cidade.

Outro resultado/produto da pesquisa foi a abertura de um espaço de escuta e compartilhamento das histórias de vida das pessoas negras pesquisadoras, buscando dar notoriedade às marcas e localizações sociais, seja em termos de classe, gênero ou raça. Neste lastro, foram realizadas um total de 11 entrevistas, entre junho e agosto, com duração média de 2 horas, e conduzidas pela pesquisadora bolsista com participação das outras pesquisadoras do laboratório proponente da pesquisa – Pluriverso UFF/Campos. O critério de escolha/inclusão no rol de pessoas chaves a serem entrevistadas foram aquelas que, a partir do levantamento feito nas plataformas, puderam ser hetero identificadas como negras, bem como por indicação dos atores/parceiros de trabalho atuantes nas instituições de ensino do município e atentos ao atravessamento racial na produção de conhecimento, como o NEABI UENF.

O perfil das pessoas entrevistadas se mostra heterogêneo; de um total de 11 pessoas entrevistadas, 8 são mulheres, 11 se autodeclaram pessoas pretas, 5 nascidas na cidade de Campos, 10 moram atualmente no município, 8 oriundos de instituição públicas de ensino; 5 da área de Educação, 1 da Saúde e, ainda, 3 da História. Todos reconhecem os atravessamentos raciais e de gênero nas suas trajetórias de vida bem como na produção acadêmica.

No segundo semestre de 2024, dedicamo-nos à construção de ferramentas de visibilização dessas produções encontradas. Apostando na criação de momentos de trocas entre intelectuais e a comunidade. promovemos o I Encontro Memórias Negras (Programação e convites no Apêndice 1), realizado de 11 a 15 de novembro, na UFF Campos e Casa Afroraiz<sup>1</sup>, em articulação com a SIRDH, secretaria apoiadora do projeto. A concepção do evento partiu da experiência de campo da pesquisa, atentando-se aquilo que emergia como comum na experiência das pessoas entrevistadas. Assim, o evento teve como eixos temáticos: experiências em espaços institucionais de ensino; vivências em Campos dos Goytacazes; produção de conhecimento.

O evento contou com diversas atividades, abaixo descritas:

- Mesa 1, intitulada “Memórias Pretas: a produção acadêmica de pessoas negras nas universidades de Campos dos Goytacazes”. Nesta mesa, convidamos os/as

---

<sup>1</sup> A Casa Afroraiz é uma casa de cultura negra na cidade de Campos dos Goytacazes, que pensa o protagonismo de pessoas pretas, LGBTQIAPNB+. A casa é gerida por duas mulheres negras LesBi e tem como objetivo promover um espaço de acolhimento para corpos marginalizados por raça, gênero, classe e quaisquer outras estruturas de opressão.

participantes a refletirem sobre a presença e a produção de conhecimento nos espaços acadêmicos, a partir dos espaços institucionais aos quais ocupam. Para tal, a questão disparadora foi “Como as questões étnico-raciais atravessam a sua experiência enquanto uma pessoa negra inserida em uma Instituição de Ensino Superior na cidade de Campos dos Goytacazes?”. Pensamos a atividade nessa direção para que pudéssemos debater sob múltiplos vieses a experiência de professoras/es negras/os inseridos em nossa cidade, levando em conta o aspecto institucional. Mais do que apontar as possíveis violências e limitações, propomos um espaço para elucidar as potências e resistências das intelectualidades negras na nossa cidade.

- Oficina 1, intitulada “O nosso corpo-cidade: oficina de memórias negras em Campos dos Goytacazes”. Nesta atividade, convidamos pessoas-chave para uma experimentação histórico crítica, de forma dialógica e interativa, sobre a vivência da população negra na cidade de Campos dos Goytacazes. A ideia dessa atividade surge da centralidade do território campista na nossa pesquisa e a necessidade urgente de enegrecer as ruas e vielas desta cidade – enegrecer a sua história, a sua memória. Pensar espaços como o Liceu de Humanidades de Campos, o Centro Histórico da cidade, os Jardins e Praças, etc. povoados pelas pessoas negras, para além de suas histórias e experiências enquanto pessoas escravizadas.
- Oficina 2, intitulada “Estas minhas mãos são negras: modalidades inventivas de produção de conhecimento”. A proposta dessa atividade era a de que pudéssemos, em um espaço mais intimista, promover uma experimentação com a escrita, imagens e outros registros possíveis, para construir outras concepções disso que conhecemos enquanto produção de conhecimento. A ideia surge do nosso próprio processo de pesquisa e das conversas que tivemos com entrevistadas que também procuraram escapar das marcas coloniais e desumanizantes da prática acadêmica, tão nocivas para corpos negros que ocupam esse espaço. Esta atividade demandou, portanto, um investimento de tempo prévio ao evento para a construção da oficina, em parceria com outras mulheres negras convidadas e a equipe da pesquisa Memórias Pretas.

Além disso, o segundo semestre também focamos na produção textual coletiva com a equipe da pesquisa que, além de apresentar os resultados encontrados, ocupa-

se em visibilizar e partilhar com demais atores do campo de análise os procedimentos metodológicos no íterim da pesquisa em tela. Frente a este cenário, propomos a organização do livro “Memórias Negras: Conhecimento e Narrativas Biográficas de Pesquisadoras e Pesquisadores Negros de Campos dos Goytacazes/RJ”, no intento de facilitar o acesso às pesquisas encontradas durante a etapa de levantamento bibliográfico. Tal publicação conterà os resumos dos trabalhos, links de acesso ao material digital e indicações de onde encontrar o material impresso. Será publicado em ebook de livre acesso, além de impresso e disponibilizado às bibliotecas das IES do município, na SIRDH e nas casas de cultura da cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O movimento de apagamento de histórias e outras formas de produzir conhecimento que aqui apontamos, é amplamente discutido e denominado de epistemicídio (Carneiro, 2023). Apesar do amplo debate, ainda é uma realidade contundente. Torna-se imperativo, portanto, ao abordar a produção de conhecimento, mapear as forças em operação e dar notoriedade às marcas e localizações sociais, seja em termos de classe, gênero ou raça. Nessa compreensão, consideramos que a metodologia proposta para o levantamento epistemo-biográfico dos pesquisadores e pesquisadoras é de suma relevância, não apenas possibilitando a emergência de novas narrativas, mas também promovendo a produção de saberes ancorados em contextos específicos e processos contínuos de subjetivação, os quais são invariavelmente influenciados pelos lugares sociais que ocupamos (Collins; Bilge, 2021).

Na oportunidade de ouvir diretamente as experiências, trajetórias e perspectivas das pessoas negras envolvidas na produção acadêmica em Campos dos Goytacazes, norte fluminense, acreditamos que a promoção de um evento presencial com a apresentação e exposição das pesquisas e pesquisadores levantados, possibilitou não só tensionar as redes de invisibilização, mas também uma melhor articulação entres as áreas e os pesquisadores. Como efeito, já podemos perceber como esse momento iniciou uma rede de trocas, tanto de saberes quanto afetiva, que se nutrida nos ajudará a ampliar o eco desses saberes – outrora esquecidos e marginalizados pelas ciências.

Dessa maneira, acreditamos que os benefícios para o município vão além dos produtos desta pesquisa. Considerando a crescente de instituições de ensino superior em seu território, públicas e privadas, esta pesquisa poderá ter impactos profundos nas

ações antirracistas dentro e fora das universidades. O esforço para a promoção desses debates e pelo rompimento dessas redes de invisibilização produzem efeitos significativos, colaborando para que as pessoas que ocupam os espaços da universidade e, conseqüentemente, as políticas públicas do município, estejam mais afeitas às discussões de gênero, raça e classe e as implicações dessas relações de poder em suas práticas profissionais e acadêmicas.

Devido a complexidade dessa pesquisa, em alguns momentos encaramos certos desafios ético-metodológicos importantes: como superar a ideia de que o conhecimento produzido pelas pessoas negras tematizará apenas as questões étnico-raciais? Como mapear o conhecimento produzido pelas pessoas negras, considerando que as bases de dados e meios de divulgação científica não permitem a identificação étnico-racial das/os pesquisadoras/es? A emergência e a lida com essas questões nos evidencia os limites do método do levantamento bibliográfico, tendo sido encarado como um processo de imersão e mapeamento do campo.

Acreditamos que faz parte de uma postura ética de pesquisa estar atento as tensões do campo, assim como aos efeitos da nossa atuação. Ao encarar, portanto, esses desafios teóricos, éticos e metodológicos, apoiados pelos parceiros de campo, temos como efeito, a construção de redes de visibilidade de pesquisa e produções realizadas por pessoas negras nas universidades públicas e privadas do município, apostando que este movimento seja um passo em direção ao reconhecimento da relevância dessas produções e uma ação contra o epistemicídio.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BUENO, Enrico. O feminismo negro contra a injustiça epistêmica: um estudo das abordagens de Sueli Carneiro e Patricia Hill Collins. **Civitas**, v. 24, p. 1-12, 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2023.

CASTRO, Ricardo Dias de; MAYORGA, Claudia. Decolonialidade e pesquisas narrativas: contribuições para a Psicologia Comunitária. Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, v.14, n. 3, p. 1-18, 2019.

CHRYSOSTOMO, M. I., (2011). Campos: a capital sonhada de uma província desejada (1835-1897). História (São Paulo), 56-89.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Chixinakax Vtxiwa**: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. São Paulo: N-1 edições, 2021.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Os Pensadores).  
FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

GONZAGA, Paula. Por uma psicologia antirracista e antissexista. 2018. Disponível em: <https://crp04.org.br/psicologia-e-relacoes-etnico-raciais-mesa-debateu-papel-da-psicologia-no-enfrentamento-aos-racismos/>, consultado em 09/06/2019.

GROSGUÉL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

GROSFOGUEL, Ramón. The Dilemmas of Ethnic Studies in the United States: Between Liberal Multiculturalism, Identity Politics, Disciplinary Colonization, and Decolonial Epistemologies. **Journal of the Sociology of Self-Knowledge**, v. 10, n. 1, 2012.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**: uma palestra-performance de Grada Kilomba. CCSP - Centro Cultural de São Paulo, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

UFF - Universidade Federal Fluminense. Histórico - Campos dos Goytacazes. Portal UFF, 08 dez. 2015. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=historico-campos-dos-goytacazes-no-grupo-campos-dos-goytacazes>. Acesso em: 06 nov. 2023.